

## A LITERATURA DE VIAGEM DE MARIA GRAHAM

Isadora Eckardt da SILVA<sup>1</sup>

**RESUMO:** A viajante e escritora britânica Maria Graham (1785-1842) escreveu o livro *Diário de uma viagem ao Brasil*, que conta sua estada no Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823. Através deste livro, estudo o domínio britânico exercido sobre o Brasil no século XIX; como esta autora toma uma postura que defende os interesses de seu país de origem; e como ela constrói esta narrativa. A relevância desta pesquisa é que os estudos sobre Graham tendem a versar sobre a riqueza subjetiva de sua narrativa, mas não analisam os aspectos políticos e históricos implicados na produção de seus textos.

**Palavras-Chave:** Maria Graham; Viagem; Inglaterra; Independência brasileira.

**ABSTRACT:** The British traveler and writer Maria Graham (1785-1842) wrote *Journal of a Voyage to Brazil*, which is about her trip to this country during 1821, 1822 and 1823. Through this book, I study the British influence over Brazil in the nineteenth century; how this author takes a position that supports Britain's interests; and how she builds this narrative. This research is relevant since the studies about Graham tend to be about the subjective richness of her texts, but never about the political and historical aspects implied in the production of her narratives.

**Keywords:** Maria Graham; Travel; England; Independence of Brazil.

A proposta de estudar a obra da viajante e escritora britânica Maria Graham (1785-1842) nasceu durante minha pesquisa de Iniciação Científica em Literatura de Viagem no meu curso de graduação em Letras (UFRGS), quando desenvolvi estudos sobre um de seus livros, *Diário de uma viagem ao Brasil*, que conta sua estada no Brasil durante os anos de 1821, 1822 e 1823. Como eu já vinha estudando esta autora há um certo tempo e sua obra se mostrava cada vez mais rica e interessante, decidi desenvolver ainda mais estes estudos em minha dissertação de mestrado, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Eduardo Ornelas Berriel. O enfoque da dissertação será sobre o domínio britânico exercido sobre o Brasil no século XIX; sobre como esta autora toma uma postura que defende os interesses de seu país de origem; e sobre como ela constrói esta narrativa.

Para o exame desta questão, estão sendo realizadas as seguintes etapas: levantamento do material bibliográfico; estudo sobre a História do Brasil referente à época em que a autora aqui esteve; análise dos referenciais teóricos; fichamento de leituras; análise sobre como os conteúdos dos livros deste corpus bibliográfico se cruzam. Como principais obras deste corpus, considereirei as seguintes: *Diário de uma viagem ao Brasil*, de Maria Graham, o

---

<sup>1</sup> Isadora Eckardt da Silva é formada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e neste momento está cursando o segundo ano do Mestrado em Teoria e História Literária no IEL/UNICAMP.

principal objeto desta pesquisa; *História do Brasil*, de Boris Fausto; *História do Brasil*, de Robert Southey; *Maria, Lady Callcott, the creator of Little Arthur*, de Rosamund Brunel Gotch; *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*, de Mary Louise Pratt; e *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*, de Flora Süssekind.

A relevância desta pesquisa reside no fato de que os estudos sobre Maria Graham em geral tendem a versar sobre a riqueza subjetiva de sua narrativa, mas não analisam os aspectos políticos e históricos implicados na produção de seus textos. A autora escreveu em princípios do século XIX, um momento de ebulição política em todo o mundo. A Europa estava se recuperando das guerras napoleônicas, e se desvencilhando, de uma vez por todas, do antigo regime, para adentrar a modernidade. As colônias da América do Sul, e dentre elas o Brasil, clamavam por independência. Por fim, a Grã-Bretanha, terra natal de Graham, era a maior potência de então, e estava profundamente interessada no Brasil, a fim de ampliar seus mercados consumidores, bem como ter acesso aos portos brasileiros para também expandir suas relações comerciais. Meu principal objetivo nesta pesquisa é mostrar como este contexto aparece nos diários de viagem de Graham, com especial ênfase para o *Diário de uma viagem ao Brasil*, entender como estas circunstâncias influenciaram a produção destes textos e como a autora constrói suas narrativas.

Tomando por base o que foi estudado até agora, já chegamos a algumas conclusões importantes. Em primeiro lugar, sendo Maria Graham proveniente de uma Europa que se modernizava com o advento do telégrafo e do melhoramento de estradas e meios de transporte terrestres e aquáticos, com idéias que se desvencilhavam da monarquia e da escravidão, isto explica porque ela via um Brasil de costumes bárbaros. No Brasil, não havia nada disto, ou se havia, era muito pouco se comparado com a Europa.

Em segundo lugar, o *Diário de uma viagem ao Brasil* não foi apenas um mero passatempo da esposa de um capitão da marinha de guerra britânica durante suas viagens ao lado do marido. Maria já era uma escritora e viajante consagrada, quando chegou ao Brasil em 1821, logo, seu diário era uma tarefa séria de uma escritora profissional, preocupada em lucrar com seus trabalhos.

Também concluímos que no modo propriamente dito de narrar os episódios do referido diário de viagem, encontramos uma divisão entre assuntos de esfera privada e assuntos de esfera pública que organizaria as diversas camadas da narrativa, já que esta abarca muitos assuntos diferentes.

Ao levar consigo a carga cultural do seu povo, avaliando o Brasil com o ponto de vista britânico, tomando uma postura de diplomata, trazendo sua cultura para o Brasil e ao

mesmo tempo, em seus trabalhos de escritora, soprando a nossa cultura até os confins da Inglaterra através de seus diários de viagem, vemos, como diz Octávio Ianni (1996), a marca da coletividade impressa no indivíduo:

[...] o caminhante não é apenas um “eu” em busca do “outro”. Com frequência é um “nós” em busca dos “outros”. Há sempre algo de coletivo no movimento da travessia, nas inquietações, descobertas e frustrações dos que se encontram, tensionam, conflitam, mesclam ou dissolvem. Pode-se dizer que o indivíduo e a coletividade são levados a necessitar contínua ou episodicamente da viagem, seja ela real ou imaginária. Haveria algo nas formas de sociabilidade, na fábrica da vida social, na cultura, no contraponto presente-passado-futuro, no emaranhado dos espaços e tempos ou em tudo isso junto que faz com que o indivíduo e a coletividade estejam sempre deslocando-se para o desconhecido, ou rebuscando o que supõem conhecido. (Ianni, 1996, p. 16)

Maria Graham leva consigo em suas odisséias as marcas da sua terra natal, a Grã-Bretanha, mas também acaba por ser marcada pelas terras por onde passa, fazendo de suas viagens uma oportunidade para refletir e aprender sobre si mesma, nos mostrando uma narradora cheia de sentimentos, em diários de viagem prenhes de subjetividade.

Quando olhamos de perto sua biografia e sua obra, vemos a busca por riquezas e lucros da poderosa Inglaterra do século XIX carregar Maria para suas incríveis e incessantes buscas por conhecimento, ao abrir-lhe as portas das Américas através de seu marido, o capitão da marinha de guerra britânica Thomas Graham, contratado para tomar parte nas revoluções pela libertação da América do Sul. Pois é com ele que Maria tem a oportunidade de viajar para o Brasil na qualidade de professora de literatura de uma turma de guardas-marinha da fragata *Dóris*.

Exatamente à época da independência do Brasil, momento conturbado de nossa história, Maria Graham aqui chega, mais precisamente no dia 21 de setembro de 1821, quando a fragata *Dóris* aporta na cidade do Recife. Em *Diário de uma viagem ao Brasil* (1956), Graham registra a sua estada no Brasil apenas durante os anos de 1821, 1822 e 1823 (embora ela tenha ficado aqui até 1824), e neste texto, é possível ver reflexos do contexto brasileiro da época, bem como da grande influência que a Inglaterra exercia no cenário histórico de então.

Ao longo da biografia de Maria Graham, organizada por Rosamund Brunel Gotch (1937), bem como em outros livros sobre a autora, multiplicam-se adjetivações tais como *intrépida*, *corajosa* e *brave woman*. Além destas peculiaridades, todos falam em uma habilidade de observação muito aguçada. Quando da sua chegada ao Brasil, Graham já era uma viajante e escritora respeitada na Europa, com livros já publicados e fama consolidada.

A escritora, pelo menos inicialmente, tencionou escrever o seu *Diário de uma viagem ao Brasil* especificamente para o público britânico, como ela mesma afirma em uma determinada passagem de seu diário. Em uma das diversas festas da corte à qual compareceu, a viajante comenta as belezas e a elegância das mulheres presentes apenas brevemente, pois segundo ela, isto não interessaria a seus amigos ingleses, para quem ela estava escrevendo o diário:

Erraria se não mencionasse as damas da corte. Com olhos parciais preferiria minha bela patricia, a nova marquesa; mas é preciso mencionar ainda a doce e jovem esposa Maria de Loreto, e um grupo de outras da mais atrativa aparência; depois havia as jóias da baronesa de Campos e as da viscondessa do Rio Seco, inferiores somente às da Imperatriz. Mas não é possível enumerar todas as riquezas ou belezas presentes, **nem interessaria aos meus amigos ingleses, para quem este jornal é escrito se eu o pudesse fazer.** (grifo meu) (Graham, 1956, p. 359 e 360)

Um livro escrito para europeus, com explicações para europeus, com assuntos de interesse dos europeus: o Novo Mundo e todas as suas peculiaridades. O que em parte explica a gama tão variada de assuntos que encontramos no relato de Graham: festas da corte, escravidão, política, comidas, etc. Muito do que ela viu e aprendeu sobre o Brasil, e que poderia ser considerado “exótico” e “pitoresco” pelo seu público leitor, foi incluído em seu diário.

Considerando então que Maria Graham era uma escritora profissional, a escolha de seu público alvo, bem como dos assuntos a serem apresentados para esta audiência não foram mero acaso. Em *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação* (1999), Mary Louise Pratt inclui Graham em uma categoria feminina de viajantes, as quais chama de “exploradoras sociais”. Segundo ela, estas escritoras-viajantes visavam amplas audiências, e nem técnicas, nem panfletárias, elas souberam perceber que tipo de escrita teria impacto sobre as massas:

Visando audiências mais amplas (...) as exploradoras sociais evitavam linguagens estatísticas especializadas baseadas na autoridade técnica e, em vez disso, faziam uso da prática novelística para expressar suas descobertas, produzindo uma “sutil fusão do literário e do social, desenvolvido ao nível do estilo.” (PRATT, 1999, p. 277)

(...) evitar a armadilha do tecnicismo burocrático, a seara do discurso oficial masculino, que elas percebem ter pequeno impacto sobre as massas. Elas também escapam do fácil sócio-sentimentalismo que está começando, não sem sucesso, a explorar o gênero do panfleto. (DAMARLE apud PRATT, 1999, p. 277)

Maria Graham fisgava seus leitores com uma incrível variedade de assuntos em seus diários de viagem, falando desde sobre seu íntimo e aquilo que sentia durante suas jornadas, até sobre coisas bem distantes de seu foro íntimo, como todos os processos políticos e históricos que envolviam os lugares por onde ela passava. Graham é uma narradora-viajante que traz consigo muitas paisagens, e estes diversos tipos de informação/paisagens se organizam em torno de Graham como se fossem esferas, sendo a esfera íntima aquela que está mais próxima dela, por versar sobre aquilo que se passa em seu interior. À medida que os assuntos tratados vão se afastando da narradora para discorrer sobre coisas mais amplas e de domínio público, outras esferas vão se formando, até chegar à mais ampla de todas, que é a esfera histórica, aquela que trata da História dos lugares por onde a viajante passa. Apenas notando que, não apresentarei todas as esferas aqui por conta da limitação de espaço. Pretendo mostrar apenas algumas, a fim de ilustrar a minha teoria.

Naquilo que chamei de esfera íntima, Maria fala de seus sentimentos durante a viagem, principalmente a solidão que sua condição lhe propicia, pois ela era uma mulher, viúva (o capitão Thomas Graham morre no meio da expedição deles à América do Sul), sozinha em uma terra estrangeira, e que além de tudo não era rica. Este sentimento de dor e solidão aparece de maneira muito contundente na passagem do diário em que Graham narra a morte de seu marido. Ela fala da dor em perder seu companheiro, e que se encontrava sozinha, com toda a sua família em outro hemisfério.

Chegamos hoje à costa do Chile. Continuei a escrever meu diário regularmente, mas ainda que perto de dois anos tenham se passado desde que o escrevi, não tenho ânimo para copiá-lo. O de três de abril em diante tornou-se o registro de um agudo tormento. De minha parte esperança e temores alternados através de dias e noites de escuridão e tempestades, que agravam a desgraça dessas horas desgraçadas. Na noite de nove de abril, pude despir-me, e ir para a cama pela primeira vez desde que deixei o Rio de Janeiro. Estava tudo acabado; dormi longamente e descansei; quando acordei foi para tomar consciência de que estava só, e viúva, com um hemisfério entre mim e meus parentes. (Graham, 1956, p. 231 e 232)

Além deste traço subjetivo dos escritos de Graham, também há a já mencionada grande variedade de assuntos tratados no diário. O olhar feminino capta detalhes geralmente não encontrados nos relatos masculinos. No que considere como esfera dos costumes, a autora versa sobre os hábitos das pessoas, miudezas, variedades e coisas pitorescas, abarcando assim um espaço maior do que seu íntimo, sua moradia e seus locais de trabalho. Enfim, a estas passagens do diário chamei de esfera dos costumes por versarem sobre os hábitos dos brasileiros. Aqui ela já vai para a rua, observar os mais variados aspectos dos lugares que

visita. Dado que ela visava audiências mais amplas, quanto maior fosse a variedade de assuntos tratados em seus livros, mais interessantes e atraentes eles seriam para o público de massas.

Uma boa amostra desta incrível coletânea de assuntos feita pela autora é a curiosíssima descrição de um jantar no qual Maria nem estava presente, e sim alguns dos oficiais da fragata *Dóris*, que devem ter lhe contado o que se passara para que ela pudesse registrá-lo em sua narrativa.

Quando eles ainda se encontravam em Pernambuco, um dia, os oficiais do navio saíram para buscar mais provisões, e no lugar para onde se dirigiram foram convidados para participar de um jantar. O fato de a narradora mencionar detalhes com os quais os brasileiros não pareciam se importar já mostra que eles não eram comuns para ela, e que ela sim se importava. Não havia cadeiras nem talheres para todos, logo, estes objetos foram dados aos estrangeiros, ao passo que os nativos não pareceram se incomodar em comer em pé e com as mãos. O festival das mais variadas mãos, sendo enfiadas nos mais variados pratos sem qualquer preocupação da parte dos convivas é descrito em detalhes:

As raras cadeiras existentes no local foram destinadas aos estrangeiros. O resto do grupo ficou de pé durante a refeição. Aos estrangeiros, também, foram dados colheres e garfos, mas a falta de talheres não pareceu embaraçar os brasileiros. Cada pessoa recebeu um pequeno prato fundo de bom caldo de carne *bien doré*. Quanto ao resto todo mundo pôs a mão no prato. (Graham, 1956, p. 132)

Graham ainda descreve todas as comidas que havia à mesa e acrescenta:

Dentro desses (pratos) também cada homem punha sua mão indiscriminadamente, e metendo seu bocado no prato fundo, ensinaram aos nossos oficiais como comer este substituto do pão de trigo e engolir sem preocupação de ordem ou limpeza. Todas as espécies de pratos foram misturadas e tocadas por todas as mãos. (Graham, 1956, p. 133)

Falando na falta de etiqueta dos brasileiros, a viajante entra em outra faceta da esfera dos costumes: a da educação, em que ela fala sobre boas maneiras, criticando muito a falta destas em portugueses e brasileiros. Aqui também incluí os trechos do *Diário de uma viagem ao Brasil* (1956) que versam não sobre a cultura das pessoas em nosso país, mas exatamente sobre a precariedade desta. A narradora critica a situação local da imprensa e a falta do hábito da leitura.

De acordo com Maria, é raro encontrar pessoas bem informadas, com quem se possa conversar, sendo que, quem mora aqui, nem se compara às pessoas bem educadas da Europa.

Ela mostra um brasileiro que não lê, e chega a mencionar que é muito difícil encontrar uma boa biblioteca. A narradora também aponta para o precário estado do sistema de educação, que agravaria esta situação ainda mais. Ela expressa suas opiniões a este respeito em mais de uma passagem de seu diário. O trecho abaixo narra uma festa no campo nos arredores de Salvador a qual ela comparece, e ilustra claramente suas opiniões sobre este assunto:

Quanto à sociedade portuguesa daqui, sei dela tão pouco que seria presunçoso dar uma opinião a respeito. Encontrei dois ou três homens do mundo bem informados e algumas mulheres vivamente conversáveis, mas ninguém, em nenhum sexo, que me lembrasse os homens e senhoras bem educadas da Europa. Aqui o estado da educação geral é tão baixo que é preciso mais do que o talento comum e o desejo de conhecimentos para alcançar um bom nível. (...) a quota de leitura de livros é escassa. (Graham, 1956, p. 162)

Ampliando cada vez mais a abrangência dos assuntos tratados na narração, Maria Graham também escreve sobre coisas que afetam os povos visitados de uma maneira mais geral, tais como escravidão e política, por exemplo. A existência destas passagens mostra o interesse da autora em investigar não só detalhes “pitorescos” e “exóticos” do Brasil, mas também coisas mais importantes. Temos assim, dentro de um mesmo diário de viagem, um aspecto pitoresco, que abarca todos os particularismos do dia a dia, lado a lado ao engajamento político, que abarca os conflitos sociais dos lugares visitados.

Logo, passamos para uma das esferas mais amplas do diário de Maria Graham, a esfera da crítica à escravidão. Para a Inglaterra, a escravidão não era interessante porque não cooperava com seus interesses econômicos. Entretanto, Graham, nas dezessete vezes em que critica a escravidão abertamente ao longo das mais de trezentas páginas de seu diário, não menciona estes interesses uma única vez. Seu ataque a este sistema é estritamente pelo seu aspecto cruel e desumano. Ela transmite para sua narrativa o choque perante a escravidão de maneiras diferentes; como quando fala dos mercados de escravos nas cidades; os senhores que maltratam seus empregados; os escravos velhos que são abandonados à própria sorte e acabam morrendo ao relento; as reclamações dos senhores quanto à imoralidade de seus empregados (segundo Graham, o próprio sistema deturpa a índole dos negros, transformando-os em más influências, o que explicaria estas reclamações); as atrocidades ocorridas nos navios negreiros; ou até mesmo a escravidão dos índios.

As descrições que Graham faz dos mercados de escravos, são ao mesmo tempo cruas e apaixonadas. A autora se diz profundamente comovida com aquilo que vê, mas faz questão de descrevê-lo em detalhes, transmitindo para o seu leitor esta sensação de choque que ela

sente ao visitar tais lugares. Quando narra a sua visita ao Valongo, o mercado de escravos do Rio de Janeiro, ela fala no triste estado dos negros postos à rua para serem vendidos, abatidos e com sinais de doenças. Ela também aponta um grupo de escravos que eram adolescentes, senão ainda crianças, e que já estavam a venda:

Vi hoje o Val Longo [Valongo]. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas dessa longuíssima rua são um depósito de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rentes às paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sobre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em uma casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sobre a meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. Eram evidentemente negros bem novos. (Graham, 1956, p. 254)

Ao se deparar com este grupo de escravos muito novos, Graham se aproxima para olhá-los de perto, e diz sentir vontade de chorar ao ver criaturas em tão triste estado. Ela diz comover-se ao notar a alegria deles ao vê-la, e discorre sobre o mal que a escravidão traz para todos, escravos e senhores. Segundo a viajante, pelo mau tratamento que os escravos recebem, eles nem podem ser bons trabalhadores, o que prejudicaria seus senhores também, não havendo benefícios para ninguém.

A escravidão era um assunto de domínio público muito importante no Brasil de então, e conforme a biografia da autora, no que concerne aos diários publicados antes do *Diário de uma viagem ao Brasil* (os diários referentes às viagens à Índia e à Itália), interessar-se por estes assuntos, e, conseqüentemente, por política, é uma característica de Graham, de acordo com Rosamund Brunel Gotch (1937, p. 159). Portanto, chamei de esfera política os trechos do texto em que a narradora fala de todos os conflitos políticos brasileiros. Nestas passagens, a escritora conta momentos decisivos da história brasileira relacionados ao processo de independência de Portugal, momentos dos quais ela foi testemunha ocular. Seu contato com o meio político foi muito estreito, já que ela travou amizades com figuras muito influentes do cenário de então.

No que se refere às questões políticas do diário, a pesquisa já está em andamento, mas ainda não se alcançaram conclusões sólidas a este respeito.



## REFERÊNCIAS

GOTCH, Rosamund Brunel. **Maria, Lady Callcott: The creator of “Little Arthur”**. Londres: John Murray, 1937.

GRAHAM, Maria. **Diário de uma viagem ao Brasil**. Tradução Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: São Paulo Editora S/A, 1956.

IANNI, Octavio. **A metáfora da viagem**. In: Revista Cultura Vozes, v. 90, n. 2. São Paulo: Editora Vozes, 1996, p. 2-19.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução Jézio Hernani Bonfim Gutierre. Bauru: EDUSC, 1999.